CHINA E RÚSSIA, UMA ALIANÇA POLÍTICA E ECONÔMICA QUE SE FORTALECE NO PACÍFICO E COMO ELA IMPACTA NA ORDEM MUNDIAL?

MARTINES, Ana Victória[1]

ARAÚJO, Emanuelly[2]

RESUMO

Este ensaio discute o processo de reaproximação da aliança estratégica sino-russa a partir do início do século XXI, compreendendo-o como uma das bases fundamentais para os desdobramentos da ordem política contemporânea. Partindo da lógica de contenção à expansão hegemônica ocidental, sobretudo norte-americana após o fim da Guerra Fria, tais ações impulsionaram a normalização das relações diplomáticas entre China e Rússia, movimento concebido como uma estratégia deliberada de proteção à soberania nacional e sustentada pela retórica de defesa de uma ordem multipolar. Sob essa ótica, busca-se investigar os fundamentos que orientam essa aliança e os impactos sistêmicos de sua consolidação sobre Política Internacional,. Dessa forma, utilizando-se da abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, argumenta-se que a aliança sino-russa se configura como um eixo estratégico de longo prazo, capaz de influenciar significativamente o rumo da política internacional contemporânea e até mesmo desafiar os alicerces da ordem unipolar vigente, abrindo espaço para a construção de uma governança global mais plural e descentralizada.

PALAVRAS-CHAVE: Parceria estratégica, aliança sino-russa, multipolaridade, BRICs, Sistema Monetário Internacional.

1. INTRODUÇÃO

Um dos eixos fundamentais da política internacional contemporânea é a reaproximação da aliança sino-russa após décadas de desencontro ideológico na segunda metade do século XX. A partir dos anos 1990, a expansão hegemônica do Ocidente, sobretudo, dos Estados Unidos da América, impulsionou a necessidade de normalização diplomática entre ambos países sob reafirmação da proteção de sua soberania. A aliança sino-russa não se restringe apenas às transações bilaterais, mas também se aproxima à uma estratégia deliberada de contenção à ordem unipolar liderada pelos Estados Unidos . Uma vez no passado, com o Tratado Sino-Soviético de Amizade, Aliança e Assistência Mútua (1950), e agora restabelecida na conjuntura atual com o Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amistosa (2001), China e Rússia se alinham em defesa da ordem multipolar.

[1] Graduanda em Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), anav.martines@ufu.br

[2] Graduanda em Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), emanuellyaraujoferreira@gmail.com

Como uma clara demonstração do alinhamento político e econômico dos interesses sino-russo na adequação de uma ordem multipolar que desafie os Estados Unidos, há a criação do BRICs em 2006 – reunindo não só Rússia e China, mas como também outros países do Sul Global como: Belarus, Bolívia, Cazaquistão, Cuba, Malásia, Nigéria, Tailândia, Uganda e Uzbequistão, vulneráveis à ordem internacional assimétrica –, em uma evidente demonstração de contrapeso à OTAN. Assim, este ensaio propõe identificar e analisar o processo do fortalecimento da aliança política e econômica entre China e Rússia a partir da virada do milênio ao investigar seus fundamentos, além de explorar os desdobramentos e impactos mais marcantes da parceria sino-russa na estrutura geopolítica contemporânea e no Sistema Monetário Internacional.

A parceria entre China e Rússia é apresentada como uma alternativa à governança global centrada no Norte Global, questionando instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. A criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) exemplifica a busca por alternativas à dominância do dólar e a redução da dependência de instituições ocidentais. Assim, o texto analisa o crescente movimento global de desdolarização econômica, intensificado pelas sanções à Rússia em 2022 e o apoio da China na sustentação econômica do país em um cenário de guerra, e sua busca por um sistema financeiro multipolar. Além de discutir a aliança geopolítica sino-russa em fóruns como o Conselho de Segurança da ONU, onde ambos os países coordenam suas ações para promover uma ordem internacional mais descentralizada.

Antes da análise central, o artigo busca abordar as especificidades domésticas e diplomáticas de cada um dos Estados centrais da discussão, China e Rússia, a partir da segunda metade do século XX, no contexto da Pós-Guerra Fria. Além disso, é crucial apresentar a complexidade dessa aliança, considerando os momentos de aproximação e distanciamento entre seus governos ao longo dos séculos que, apesar do histórico, demonstram-se, a partir do início dos anos 2000, cada vez mais fortificados e estimulados a expandir-se para mais áreas, abrangendo os âmbitos econômico, político e diplomático.

2. DIPLOMACIA RUSSA

Traçando o período subsequente à Guerra Fria e, portanto, o colapso da União Soviética, a diplomacia russa foi acompanhada por uma drástica necessidade de reorientação de sua política externa. Tendo em vista a nova ordem hegemônica instaurada pelos Estados Unidos da América, inicialmente a antiga URSS se dispôs ao alinhamento ocidental, o que

comprometeu as bases sistemáticas do poder Estado russo. Sob gestão de Boris Yeltsin, a Rússia da década de 1990 se propôs ao alinhamento ocidental, com as políticas de "Terapia de Choque"[3] responsáveis por destruir grande parcela das capacidades econômicas, militares e políticas da Federação Russa ao longo da década de 1990.

Em contrapartida, do ponto de vista estadunidense, essa aproximação se tornou a chave primordial para articulação do enfraquecimento da influência russa na Eurásia. Afinal, apesar da derrota da Guerra Fria, e da escolha de inserir-se no regime capitalista como tentativa de aproximação pró-ocidental, a posição de prestígio assegurada pela herança do país, não se esvaiu. Ainda mais, quando se leva em consideração a grande liderança que o Estado Russo estabeleceu na área energética, além de ser o único da região com poderio nuclear até então. Portanto, era de grande interesse para os membros da OTAN o desmantelamento da participação russa no monopólio da comercialização dos recursos energéticos e traçar a limitação da dependência europeia ao comércio russo (Mazat; Serrano, 2012).

Revela-se que o resultado dessa aproximação foi acelerada decadência do potencial militar, devido à redução de investimentos militares; e o enfraquecimento do domínio energético, tendo em vista a perda substancial de território com a dissolução da URSS que deu origem a quinze Estados Independentes, dos quais compartilhavam estrategicamente das linhas de transporte de gasodutos e oleodutos russos, foi necessário usar a diplomacia para a negociação com os novos Estados de forma que as atividades econômicas não sofressem perdas drásticas, entretanto as tentativas foram em vão, uma vez que, essas nações que tendiam ao alinhamento com a OTAN (Mazat; Serrano, 2012). Assim, os Estados Unidos em conjunto com a Europa tiveram êxtase em desenvolver novas rotas energéticas alternativas ao território russo. Ademais, a política de abertura total e descontrolada levou a perda de autonomia completa dos setores estratégicos da economia russa, que passaram a ser controlados direta ou indiretamente por empresas europeias. Consequentemente, "a fuga de capitais que, a despeito da Rússia não ter apresentado déficit comercial em nenhum ano entre 1991 e 1998, desencadeou uma grande crise de dívida externa em 1998, quando o país teve de suspender os pagamentos" (Mazat; Serrano, 2012, p. 16).

Outro ponto importante que demonstra a passividade da política externa russa foi a assinatura do Ato Fundador sobre as Relações, a Colaboração e a Segurança Mútua entre a

[3] Conjunto de medidas econômicas drásticas que visavam a transição abrupta para o capitalismo através da liberalização de preços, privatização em massa e liberalização do comércio.

Rússia e a OTAN em Paris, no dia 27 de maio de 1997, por Yevgeny Primakov[4],o que significou o avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção ao Leste, declarava expressamente que "a OTAN e a Rússia não se consideram mais adversários", que agora o objetivo passava a ser "construir juntos uma paz duradoura e exclusiva na região euro-atlântica" por meio da "parceria forte e duradoura" (Roubinski, 1997, apud Mazat; Serrano, 2012). Na prática, o ato evidenciou o abandono progressivo de dois objetivos estratégicos prioritários: a constituição de um espaço de segurança na área da ex-URSS e o impedimento de qualquer expansão da OTAN, sinalizando uma mudança de paradigma na política externa russa.

A virada do século trouxe novos caminhos para a Rússia, Vladimir Putin, inaugurou uma nova proposta de organização da política doméstica e externa, sem mais subordinação, a Federação Russa estabelece metas de instauração da ordem multipolar, defesa da soberania e expressa vontade da integração regional em todos os continentes, inaugurando, novamente, a ruptura da relação passiva com a OTAN (FAS, 2000).

3. REABERTURA DA CHINA

No que diz respeito à ascensão da China, depois de décadas de crises internas e a trajetória das últimas décadas de dificuldades de afirmação geopolítica, é em 1980 que as políticas chinesas começam a ganhar um novo aspecto. O questionamento do que levantou a economia chinesa novamente depois do que ficou conhecido como “século da vergonha", é respondido por dois fatores principais: o desenvolvimento maoísta e o modelo de desenvolvimento de exportações integrado no leste asiático (Hung, 2018).

Sem dúvidas a reestruturação interna da nação só foi possível graças às políticas do Grande Salto, portanto, da Revolução Cultural de Mao Tsé-Tung. Entretanto, tratando-se de um contexto de Pós- Guerra Fria, é válido contextualizar o cenário internacional, já que a ordem bipolar, com polos concentrados entre URSS e EUA, deu origem ao que se chamava de “Três Mundos”. A classificação citada, nesse contexto se distingue da visão ocidental, uma vez que, foi interpretada por Deng Xiaoping da seguinte forma:

> A julgar pelas alterações nas relações internacionais, o mundo atual consiste de três partes, ou três mundos, que são tanto interconectados, quanto contraditórios. Os Estados Unidos e a União Soviética formam o Primeiro Mundo. Os países em desenvolvimento na Ásia, África e América Latina integram o Terceiro Mundo. Os desenvolvidos – sejam os do mundo capitalista ou do socialista – formam o Segundo Mundo (Pinto, 2010, p. 24).

[4] Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia.

O discurso da década de 1970 já despontava os interesses do próximo século, a aproximação dessas nações do Terceiro Mundo, que poderiam se tornar o "Segundo Mundo" desenvolvido, alheio às lógicas já constituintes da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e dos Estados Unidos da América. A partir desse momento, em defesa da ordem multipolar, a República Chinesa volta a aprofundar suas relações com o Sudeste Asiático por uma lógica geográfica de aproximação.

No entanto, para que houvesse a reabertura do mercado chines para o estrangeiro e para que fosse dado o impulso inicial para a conexão da China com a ordem global, outra medida essencial foram as ações governamentais a partir de 1978. Em resposta às atividades de acumulação primitiva socialistas, as quais acabaram por provocar hiperinflações e déficit de balanço de pagamentos, o Partido Comunista Chines passou a orientar o desenvolvimento orientado para a exportação, junto a desvalorização da moeda *yuan* e reformas que precipitaram o declínio da economia rural e, consequentemente, desencadearam a onda migratória dos trabalhadores rurais para as zonas de processamento das exportações localizadas em sua costa (Hung, 2018).

As políticas de abertura de Deng inauguram a década de 1980, e o empenho na modernização alinhada aos conhecimentos agrícolas foi de suma importância. O governo chinês foi capaz de reorientar sua economia sem provocar novas crises a partir da venda de excedentes de produção no mercado livre após cumprirem suas cotas com o governo. Isso resultou em um aumento significativo da produtividade agrícola (PUCPR Pós Digital, 2024). Assim como os setores industrial, científico-tecnológico e de defesa, também foram necessárias para a inserção ao comércio global. O ponto de partida foi a criação de Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), como Shenzen, que serviram como experimentos para políticas econômicas de mercado e atração de setores estrangeiros (PUCPR Pós Digital, 2024).

Ademais, não se pode falar das relações regionais contemporâneas da China sem se citar a herança histórica do Império do Centro. Para além, do contexto mundial que criou um vazio no pacífico a ser preenchido com a dissolução da URSS, e por seguinte, a tentativa russa de alinhamento ocidental, sem dúvidas, as antigas relações com os Estados-vassalos e a tradição confucionista foram de grande relevância para facilitar a renovação das integrações no Sudeste Asiático (Pinto, 2010). Paralelamente à crise da ordem mundial do final do século XX, a China renasce como um modelo alternativo e atrativo de desenvolvimento, como um

exemplo de modelo de desenvolvimento alternativo que poderia ser replicado em outras nações (Pinto, 2010).

4. HISTÓRIA DA RELAÇÃO SINO-RUSSA

A disposição territorial entre China e Rússia foi primordial para que, ao longo da história, seus interesses se cruzassem inúmeras vezes na configuração do sistema internacional. Como potências vizinhas, no quadro geopolítico asiático, a China representa o ator mais significativo ao sul da Federação Russa, enquanto a Rússia assume idêntico papel estratégico ao norte chinês. Por consequência, as relações bilaterais têm sido moldadas por episódios históricos cruciais, oscilando entre momentos de cooperação e aliança e fases marcadas por desconfiança, rivalidade e conflitos pontuais. O reforço da aliança sino-russa, embora flutuante, demonstrou-se muitas vezes ao longo do século XX uma estratégia essencial para a reafirmação da posição de ambos os países na configuração internacional.

Ainda no início do século XX, a confirmação do Tratado de Versalhes provocou a aversão chinesa quanto à ordem internacional ocidental. A atribuição da província de Shandong, antes sob domínio alemão, ao Japão, em detrimento da China, foi percebida como uma ação hipócrita. Este episódio caracterizou-se como mais um estímulo à via comunista e, por seguinte, à criação do Partido Comunista Chinês (PCC) em 1921. Enquanto a Federação Russa também despontava com o triunfo da Revolução Bolchevique, o sentimento anti-imperialista serviu de base para o apoio e fortalecimento da onda nacional-socilista do PCC, posteriormente, Moscou também apoiou, a inclusão do PCC ao Comintern[5] (Lo, 2008, *apud* Adam, 2012). Isso se deu também por meio do apoio soviético com conselheiros militares, armamento e o estabelecimento de uma "Frente Comum" com o Partido Comunista (Adam, 2012).

O período entre 1953 e 1957 marcou o auge dessa aliança, mas já continha as sementes do seu colapso, a desconfiança sino-soviética teria surgido a partir da percepção chinesa que à medida que se aprofundava a tensão entre EUA e URSS, ambas superpotências cada vez mais avançavam para o campo militar e no da tecnologia espacial, que se transformaram no congelamento do sistema internacional na estrutura bipolar (Calvocoressi, 2011, *apud* Adam, 2012).

[5] Reunião internacional dos Partidos Comunistas de diversos países, que funcionou de 1919 até 1943 (Comintern, S.I)

A dissonância entre a aliança sino-russa, passou a abranger também o campo ideológico. Uma das características mais fortes do período maoista foi o afastamento e desentendimento com a URSS, que se materializou na retirada da ajuda soviética em 1963 (Adam, 2012). Um grande indicador do declínio na URSS foi evidenciado até mesmo pelo surgimento do termo "*nomenklatura"* - que sugeria a fraqueza da burocracia partidária da era Brejnev. Nesse momento, surgiam no polo soviéticor apontamentos do potencial para degeneração burocrática e corrupção do partido sovietico. A era Brejnev ficou conhecida como "Era da Estagnação" por ter parado de tentar resolver os problemas econômicos que surgiram, posteriormente, Gorbachev denunciou, que na verdade, tratava-se de uma era de fermentação política e cultural entre a elite soviética, incluindo chefes do partido e um vasto grupo de classe média educada, administradores, acadêmicos especialistas (Hobsbawm, 1995).

Apesar da ruptura, em 1979, houve tentativas de reaproximação que foram frustradas pela invasão soviética do Afeganistão. Contudo, no início da década de 1980, Pequim impôs três condições para a retomada dos contatos formais: desmilitarização das fronteiras comuns; retirada soviética do Afeganistão; e retirada das tropas vietnamitas do Camboja, as exigências chinesas passaram a serem atendidas somente cinco anos depois, com a ascensão de Mikhail Gorbachev como Secretário-Geral, resultando na retirada russa do Afeganistão, na diminuição do efetivo militar na Mongólia e em tratativas fronteiriças. Entretanto, devido ao desmantelamento do bloco comunista e ao início da desintegração soviética da década de 1990, juntamente com a liderança de Boris Yeltsin, a Rússia passou por um período de aproximação quase irrestrita com o Ocidente, que ocasionou um certo esfriamento das aproximações (Adam, 2012). Todavia, o fator geográfico foi determinante mais uma vez, e logo, inevitabilidade geopolítica da vizinhança rapidamente inverteu essa tendência. Em 1992, a viagem de Yeltsin a Pequim resultou na assinatura de 24 documentos, incluindo acordos militares. A nomeação de Primakov como chanceler em 1996 fortaleceu os laços, levando à criação da organização Os Cinco de Xangai (embrião da Organização para a Cooperação de Xangai - OCX) e a uma declaração conjunta em 1997 contra a expansão da OTAN (Adam, 2012).

5. A PARCERIA ESTRATÉGICA SINO-RUSSA

O que inicialmente se estabeleceu a partir da reaproximação diplomática entre dois países que compartilhavam a problemática das assimetrias significativas em termos de poder

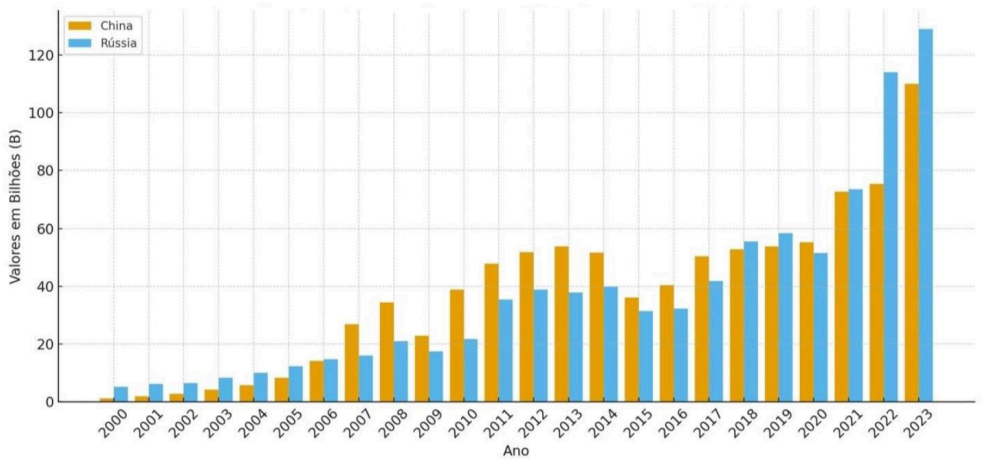
econômico e militar da época, se consolidou em uma das principais alianças estratégicas anti-hegemônicas. É em 1996 que os primeiros sinais de uma relação são anunciados, quando a Rússia passa a reforçar o apoio à tecnologia nuclear chinesa, e assinam uma "parceria estratégica"; e é em 1997 que Yeltsin e o Presidente Jiang, idealizam uma nova ordem internacional ao criticarem o "*double standard*" ocidetal (Santos, 2024). Mas é somente em 2001 que há o primeiro "Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amistosa" que significaria aprimoramento das relações entre os dois países (ChinaPower, 2022).

Entretanto, o primeiro passo para que essa parceria viesse a se consolidar foi a primordial mudança na política interna e externa de ambos os Estados. A China por ser uma potência em ascensão sob comando de Deng Xiaoping na década de 1980, demonstra a intensificação da mudança estratégica na política externa, numa tentativa de se tornar mais influente no campo político global, de modo que a abertura comercial chinesa foi essencial para a aproximação com o Sudeste Asiático (Pinto, 2010). Quanto à Rússia, principalmente a partir dos anos 2000, com a ascensão de Vladimir Putin à presidência, observou-se uma expressiva mudança nas medidas relacionadas à política doméstica e externa do Estado. De forma geral, são estabelecidas metas de acordo com a criação favorável ao desenvolvimento da Rússia ao formar um cinturão da boa vizinhança, construir um sistema de parceria e relações aliadas que melhorem as condições, buscar uma ordem multipolar, desenvolvimento de integração regional e sub-regional, incluindo Europa, região da Ásia-Pacífico, África e América Latina e ser capaz de influenciar os processos da ordem mundial (FAS, 2000).

A intensificação das relações bilaterais também é facilmente demonstrada através das transações comerciais. Conforme o Gráfico 1, pode-se observar o expressivo crescimento no volume de exportações bilaterais a partir dos anos 2000, ainda que gradualmente no início, revelando a materialização dos princípios firmados no acordo de aproximação no novo século, o Tratado da Boa Vizinhança. A partir desse marco, verifica-se uma evolução sem precedentes da parceria econômica, com exceção do período entre 2015 e 2016, quando ocorreu uma retração explicada pela recessão econômica russa decorrente da acentuada queda nos preços do petróleo, principal matéria de exportação do país (Luhn, 2016). De tal forma que a trajetória das relações econômicas entre China e Rússia extrapolam o aumento dos fluxos de exportações, mas também passaram a se equilibrar ao longo dos anos. Logo, o fortalecimento demonstra a consolidação da estratégia entre as duas nações ao criar uma força paralela e combativa à ordem ocidental.

Gráfico 1: O volume de Exportações do comércio bilateral entre a China e a Rússia em

bilhões US$ - (2000-2023)



Fonte : The Observatory of Economic Complexity. (Elaboração própria).

Nos desdobramentos mais recentes da parceria, na data 4 de fevereiro de 2022, veio a público a "Declaração Conjunta da Federação Russa e da República Popular da China sobre as Relações Internacionais Entrando em uma Nova Era e o Desenvolvimento Sustentável Global". No qual foi enfatizado novamente a vontade de ambos em estabelecer uma nova forma de relações internacionais, que seja multilateral, veementemente soberana sem admitir a intervenção estrangeira em qualquer país. A declaração também afirma que,

> "(...) as novas relações interestatais entre Rússia e China são superiores às alianças políticas e militares da época da Guerra Fria. A amizade entre os dois Estados não tem limites, não há áreas 'proibidas' de cooperação", diz o texto, deixando claro o alcance da aliança, cuja solidez é reafirmada em diversos trechos. Por exemplo, quando denunciam a tentativa de militarização do espaço sideral, Rússia e China afirmam sem meias palavras que "vão neutralizar as atividades destinadas a alcançar a superioridade militar no espaço e usá-la para operações de combate" (PCdoB, 2022).

O encontro ainda permitiu a reafirmação do G20 ao constatarem a relevância do fórum de discussão da cooperação econômica internacional e respostas anticrise. Além disso, o BRICs também foi mencionado por seu aprofundamento da parceria estratégica e pelos projetos de promoção da expansão da cooperação em três áreas principais: política e segurança, economia e finanças e intercâmbios humanitários. "As partes se esforçam para fortalecer o formato BRICS Ampliado como "um mecanismo eficaz de diálogo com associações e organizações de integração regional de países em desenvolvimento e Estados com mercados emergentes" (Miguez, 2022).

6. O IMPACTO NA ORDEM MUNDIAL

A ALIANÇA SINO-RUSSA NOS BRICS E O IMPACTO NO SISTEMA

MONETÁRIO INTERNACIONAL (SMI)

A aliança entre a China e a Rússia nos BRICS e no sistema internacional representa um dos mais significativos realinhamentos geopolíticos do século XXI. A parceria dessas duas potências do Sul Global[6] se apresenta como uma alternativa para mudanças na governança global centrada no Norte Global e de questionamento às instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, que são utilizadas predominantemente para atender as demandas do Ocidente. A criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) é um exemplo da tentativa desse bloco em apresentar uma alternativa à dominância do dólar e de desvencilhar-se da dependência de instituições dominadas pelo Norte Global (Barbosa, 2018; Bezerra, 2018).

> A decisão de constituir o NDB baseou-se em estudo de viabilidade conduzido pelos ministérios das finanças nacionais que identificou: (i) necessidade de financiamento em países em desenvolvimento não atendidas por instituições financeiras multilaterais tradicionais, como o Banco Mundial; e (ii) redução da capacidade de crédito internacional para o desenvolvimento. (BRICS, 2025)

A necessidade de criar novas instituições que buscam atender e visibilizar o Sul Global juntamente com o crescimento econômico de alguns países que antes eram considerados periféricos, alavanca iniciativas como o NDB, criado em 2015. Enquanto de um lado potências locais como o Brasil, a Índia e a África do Sul se beneficiam de uma aliança que traz maior visibilidade para suas demandas, a China e a Rússia observam esse movimento como uma forma de aumentar a sua influência global fortalecer um ambiente internacional que traga mais benefícios econômicos e legitimidade em suas decisões de política internacional.

Desde a criação dos BRICS em 2001, observa-se um maior debate sobre a desdolarização econômica, e que foi intensificada com o início das sanções econômicas à Rússia em 2022, e as necessidades de alternativas ao dólar também se tornam muito debatidas por países como o Brasil, Rússia e China em discursos de seus líderes e em fóruns internacionais (Banco Central do Brasil, 2025; Brasil, 2024). O crescente uso do renminbi chinês nas reservas internacionais de diversos bancos centrais e o aumento do uso dessa moeda nas relações comerciais entre a China e a Rússia é outro indicativo dessa tendência.

[6] O termo Sul e Norte Global, são utilizados constantemente nas Relações Internacionais para fazer referência a países que apesar de não possuírem semelhanças geográficas, compartilham de características históricas semelhantes, desafios socioeconômicos comuns e são constantemente separados dentro das discussões globais. (Hurrell *et al*, 2006; Stuenkel, 2017).

Como forma de contornar as sanções econômicas do Norte Global, a Rússia aumentou de 2% em 2022 para 29% em 2025 as reservas em yuan chinês, chegando a atingir quase 40% em janeiro de 2024.

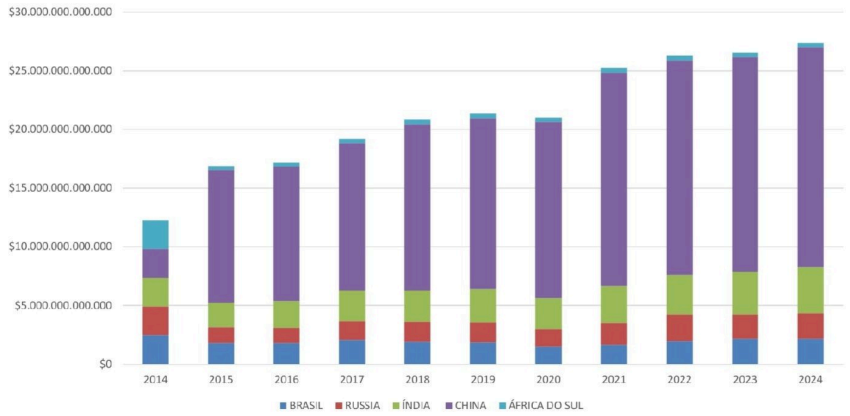
> No entanto, essa tendência de crescimento foi interrompida depois que o Tesouro dos EUA anunciou que poderia impor sanções secundárias a entidades de terceiros países que auxiliassem a base militar-industrial da Rússia. Desde então, o Banco Central da Rússia parou de publicar dados específicos sobre a participação do yuan. De acordo com nossas estimativas baseadas em dados oficiais disponíveis, a participação do CNY no comércio internacional da Rússia caiu para aproximadamente 30%. Enquanto isso, o papel da moeda nacional da Rússia, o rublo, aumentou notavelmente.(MERICS, 2025; tradução própria)
>
> [7]

O aumento no comércio em yuans entre Moscou e Pequim é acompanhado com atenção pelos demais países dos BRICS, em um momento da conjuntura do SMI que os líderes dos países do Sul Global já possuem planos de criar uma moeda compartilhada como alternativa ao dólar e tornar o sistema financeiro multipolar, diminuído a dependência do dólar.

Tendo em consideração o crescimento econômico dos países do BRICS na última década (gráfico 2), podemos apontar que a composição de 39% do PIB mundial (GOV.BR,2025) ocupada por esses países direcionam mais os debates internacionais em torno de suas necessidades. A China e a Rússia ocupam, respectivamente, o primeiro e o terceiro lugar, o que contribui para reafirmar sua liderança política por meio de seu poder econômico. Apesar da Índia apresentar nos últimos anos maiores níveis no PIB do que a Rússia, sua política de não alinhamento a afasta do centro dos debates internacionais.

Gráfico 2: PIB dos países do BRICS de 2014 - 2024

[7] However, this growth trend halted after the US Treasury announced that it could impose secondary sanctions on third-country entities assisting Russia’s military-industrial base. Since then, the Central Bank of Russia has stopped publishing specific data on the yuan’s share. According to our estimates based on available official data, the share of CNY in Russia's international trade has since dropped to approximately 30%. Meanwhile, the role of Russia’s domestic currency, the ruble, has increased notably.



Fonte: World Development Indicators. (Elaboração própria).

Nesse sentido, a construção e ampliação do poder econômico de alguns países do Sul Global promovem uma alteração na distribuição de poder no ambiente internacional. O cientista político Robert Gilpin (1981) argumenta que, embora na era pré-moderna fossem o poder militar e a conquista territorial que promoviam a geração de riqueza dentro da sociedade aristocrata; contudo, na era moderna, com a Revolução Industrial e o surgimento do Estado-Nação, o poder econômico (impulsionado pelo crescimento tecnológico e pela eficiência interna do mercado) passou a sustentar e, em grande medida, anteceder o poder político e militar. Assim, a capacidade de gerar riqueza internamente tornou-se o principal determinante do status de um Estado no Sistema Internacional.

Segundo Gilpin (1988), o crescimento do poder econômico de um Estado ao longo do tempo é capaz de ditar as dinâmicas internacionais. Quando tratamos de uma potência hegemônica, a hierarquia de poder econômico, bélico e comercial entre ela e os demais países a assegurar um privilégio estratégico em seus interesses econômicos e geopolíticos do Estado hegemônico sob os demais Estados no Sistema Internacional (Oliveira; Horta, 2025), o que atribui tal controle e liberdade a essa potência nas dinâmicas do Sistema Internacional que tornam quase impossível a autonomia da maioria dos países e lhe garante certa impunidade por seus atos.

É sob essa lógica que se deve observar a aproximação entre as duas grandes potências do Sul Global, não como uma reaproximação eventual, mas sim uma aliança estratégica de longo prazo que luta contra a organização hierárquica do sistema. Ambos os países se encontram prejudicados pela lógica hegemônica centrada no dólar que domina o Sistema Monetário Internacional (SMI), já que isso garante aos Estados Unidos a manutenção do seu poder econômico, ideológico e material de um sistema que se ancora e depende dele para se

sustentar. Assim, as constantes interferências estadunidenses na economia e na soberania de outros países, ressalta ainda mais a percepção de que a hegemonia do dólar no SMI impõe aos outros atores internacionais uma posição de vulnerabilidade, o que promove o movimento do Sul Global para a desdolarização da economia, como a criação do NDB.

Apesar da relevância do crescimento econômico para se obter maior espaço dentro do Sistema Internacional, esse não é um elemento único e determinante, já que esse cenário também aconteceu com a moeda japonesa (iene) ao longo de 1970-1980 e com a moeda europeia (euro) de 1990-2000 (METRI, 2020).

> [...]tais processos não alteraram os pilares da hierarquia monetária centrada no dólar. Trata-se de um efeito natural resultante de um desenvolvimento acelerado, mas sem estofo por si só para deslocar a posição da moeda de referência internacional, cujas bases de sustentação são outras.(METRI, 2020).

Assim, para além do crescimento econômico da China e da Rússia, também são importantes para desbancar a descentralização dos EUA no Sistema Internacional os fatores já mencionados como a formação de blocos do Sul Global como os BRICS e instituições financeiras para disputar com o FMI e o Banco Mundial como o NDB. Mas para além disso, o comércio de petróleo internacionalmente passa a ser negociado por meio do renminbi entre a China, Rússia, Irã, Índia e Venezuela. A Rússia possui relevância nesse cenário de mudança com o aumento de acordos bilaterais com o yuan e com o aumento da emissão de títulos de dívidas em moeda chinesa (METRI, 2020). E por último, a Nova Rota da Seda[8] que compreende áreas do Pacifico-Sul ao Mar do Norte, a Costa Leste da África o Mediterrâneo.

No entanto, apesar dos benefícios de se obter uma moeda homogênea no SMI, a China não busca ocupar o lugar como potência financeira com o renminbi, mas sim internacionalizar sua moeda ao ponto de promover sua autonomia frente às políticas da Casa Branca e sua utilização do dólar com arma política, promovendo um sistema financeiro multipolar em que possíveis crises no dólar (como a de 2008) não tenham o poder de afetar tão negativamente a economia mundial (Oliveira; Horta, 2025).

Isso ocorre porque existe pouca conversibilidade da moeda, já que há um forte controle do governo chines sobre saída de capital com o renminbi, o que atrapalha a confiança na moeda no SMI.

> De toda maneira, assim como a China, outros países parecem preocupados em aumentar sua autonomia frente ao poder hegemônico do dólar. Caso a China encontre

[8] Projeto de parceria e financiamento geopolítico e geoestratégico da China com diversos países do Sistema Internacional.

> outros atores interessados em lutar contra esse domínio do SMI, talvez seja possível suplantar a hegemonia monetária dos EUA no longo prazo, especialmente através da criação de um sistema reorganizado em termos multipolares, com outras moedas exercendo a função de reserva de riqueza internacional (Oliveira; Horta 2025, página 22).

7. O IMPACTO DA ALIANÇA SINO-RUSSA NA GEOPOLÍTICA

Além da parceria econômica, a China e a Rússia estabeleceram uma aliança geopolítica muito importante para ambientes de cooperação internacional como no Conselho de Segurança da ONU (CSNU), em que ambos os países tendem a proteger os interesses do outro e limitar a capacidade de manobra dos Estados Unidos e dos seus aliados, privilegiando o Sul Global (BEZERRA, 2018). A exemplo dessa estratégia, após o fim da "Primavera Árabe", foi aberto o caso no CSNU em 2012 para tratar sobre o conflito Sírio, em que foi vetada pela China e pela Rússia uma proposta de resolução que obrigava a Síria à retirar suas tropas militares das cidades, alegando buscar promover uma transição democrática (BEZERRA, 2018). No entanto, sob alegação de potencial violação da soberania da Síria, esses dois países se juntaram e corroboraram para que a resolução não pudesse passar no Conselho, demonstrando uma forte cooperação estratégica entre ambos.

A convergência de posicionamento diplomático dessas duas potências também pode ser observado quanto ao ataque de Israel ao Irã em junho de 2025, em que ambos os lados condenam Israel e indiretamente responsabilizam os Estados Unidos pelas ações do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu; mas também se observa essa aliança quando a China se omite em relação a invasão da Rússia a Ucrânia (MERICS, 2025).

Esses não são apenas casos isolados, as relações de alinhamento diplomático entre China e Rússia andam cada vez mais relevantes dentro do ambiente internacional, desde 2022 esses países se encontram mais coordenados em suas estratégias multilaterais e impondo mais seus posicionamentos a ações unilaterais, promovidas muita das vezes pelos Estados Unidos. Assim, desde 2018, esses países não votaram nenhuma vez em oposição ao outro dentro do Conselho de Segurança da ONU (MERICS, 2025), o que demonstra uma tentativa de promover uma ordem mais descentralizada do Norte Global, a partir de uma cooperação entre os países do Sul Global.

Apesar de apresentar uma desigualdade econômica no comércio sino-russo, tendo em vista que a Rússia exporta matéria-prima para a China, enquanto ela fornece produtos manufaturados de maior valor agregado; no entanto, essa dinâmica se torna estratégica para a Rússia, já que contribui para a manutenção da sua máquina de guerra na Ucrânia e estabelece

um forte laço e projeção geopolítica com uma das maiores potências mundiais. Enquanto isso, para a China, essa relação representa tanto a aquisição de recursos energéticos mais baratos, a ampliação da presença econômica da China na Rússia, quanto a garantia de um aliado que possa garantir uma linha de suprimentos confiável em caso de guerra (MERICS, 2025).

8. CONCLUSÃO

A partir dessa análise, é possível concluir que o fortalecimento das relações entre a China e a Rússia, desde a queda da União Soviética, tem sido fundamental para a busca de uma reconfiguração da ordem geopolítica mundial. A criação de mecanismos como o BRICS, o NBD e a intensificação do uso do renminbi chinês em acordos comerciais bilaterais são evidências claras de uma estratégia deliberada para desafiar as estruturas de governança global estabelecidas pós-Guerra Fria e buscar maior autonomia e um sistema financeiro mais multipolar.

Para além disso, a coordenação diplomática no Conselho de Segurança da ONU e seu alinhamento nos demais ambientes de cooperação internacional são cruciais para diminuir a hegemonia estadunidense e formar uma frente menos vulnerável às medidas tomadas pelo Sul Global. Essa cooperação entre China e Rússia, apesar das desigualdades comerciais, fortalece a posição de ambos no cenário global, garantindo recursos e aliados estratégicos.

Em suma, a aliança sino-russa representa mais do que uma convergência pragmática de interesses estatais, ela constitui uma força contrária à ordem internacional centrada no Sul Global e busca ativamente a transição desse paradigma que compõem a ordem unipolar do século XXI. Seus desdobramentos fomentam um ambiente internacional mais descentralizado, em que as potências emergentes encontram apoio em busca de maior protagonismo e visibilidade.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin. **A Rússia como grande potência e a parceria estratégica com a China** In: Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI / organizador: André Gustavo de Miranda Pineli Alves. – Brasília: Ipea, 2012, cap. 2. Disponível em:https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/439f522b-c1c0-482f-ab73-8c5475ec1573/content. Acesso em: 23 out. 2025

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **BRICS**. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/brics. Acesso em: 25 de ago.2025.

BEZERRA, Valdir da Silva. **O urso e o dragão: aspectos da aproximação política entre Rússia e China nos anos 2000.** Caderno de Relações Internacionais, v. 9, n. 17, p. 39-69,

jul./dez. 2018.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **XVI Cúpula do BRICS – Kazan, Rússia, 22 a 24 de outubro de 2024 – Declaração** Final. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/xvi-cupula-do-brics-2013-kazan-russia-22-a-24-de-outubro-de-2024-declaracao-final. Acesso em: 6 nov. 2024.

Brasil. Ministério das Relações Exteriores. **Novo Banco de Desenvolvimento (NDB)**. Disponível em: https://brics.br/pt-br/sobre-o-brics/novo-banco-de-desenvolvimento-ndb. Acesso em: 26 out. 2025.

CHINAPOWER. **Como evoluiu a relação China-Rússia.** 10 mai. 2022. Disponível em**:** https://chzinapower.csis.org/history-china-russia-relations/ Acesso em: 29 jul. 2025.

COMITERN. In: **Dicionário Político**. [S.l.]: Marxists Internet Archive. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/comintern.htm. Acesso em: 25 out. 2025.

FAS. **The Foreign Policy Concept of the Russian Federation**. [S. l.], 28 jun. 2000. Disponível em: https://nuke.fas.org/guide/russia/doctrine/econcept.htm. Acesso em: 19 ago. 2025.

GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GOV.BR**. COMÉRCIO DOS BRICS EM NÚMEROS**. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/brics/brics.html. Acesso em: 25 de ago. 2025.

HOBSBAWM, Eric J. **Fim do Socialismo** In: Era dos Extremos (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUNG, Ho-fung. A ascensão da China, a Ásia e o Sul Global. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 1-26, jan./abr. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rec/a/PjqLzbVDgwYQsQDKLxsQQPj/?lang=pt. Acesso em: 23 out. 2025

HURRELL, Andrew. **Os BRICS e a ordem global**.Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

INSTITUTO MERICS; CENTRO DE ESTUDOS ORIENTAIS (OSW); CENTRO NACIONAL SUECO DA CHINA (NKK); CENTRO DE ESTOCOLMO PARA ESTUDOS DO LESTE EUROPEU (SCEEUS); INSTITUTO SUECO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (UI). **Painel China-Rússia: uma relação especial em fatos e números**. Berlim: MERICS, 2025. Disponível em: https://merics.org. Acesso em: 20 out. 2025.

LUHN, Alec. Russia's GDP falls 3.7% as sanctions and low oil price take effect. **The Guardian**, 25 jan. 2016. Disponível em:

https://www.theguardian.com/world/2016/jan/25/russias-gdp-falls-37-as-sanctions-and-low-oil-price-take-effect?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 10 set. 2025.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A **Geopolítica da Federação Russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: vulnerabilidade, cooperação e conceito** In:O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI / organizador: André Gustavo de Miranda Pineli Alves. – Brasília: Ipea, 2012, cap1. Disponível em:https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/439f522b-c1c0-482f-ab73-8c5475ec1573/content. Acesso em: 20 out. 2025.

METRI, Mauricio. **Geopolítica e diplomacia monetária**: o sistema dólar de tributação global e as iniciativas de desdolarização da economia internacional. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 3 (70), p. 719-736, set./dez. 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1NsR801i2CM1Cw2KbgmU3ccE80U_IY3Cd/view?usp=drivesdk. Acesso em: 25 out. 2025.

MIGUEZ, José Domingos Gonzales. A declaração conjunta China-Federação Russa: mudança global do clima e o BRICS**. Conjuntura Internacion**al, Belo Horizonte, v. 19, n. 3,
p. 38-51, out. 2022. DOI 10.5752/P.1809-6182.2022v19n3p38-51. Disponível em: http://www.pucminas.br/ConjunturaInternacional/Home/Artigos/A_Declaracao_Conjunta_Ch ina-Federacao_Russa_Mudanca_Global_do_Clima_e_o_BRICS.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.

OLIVEIRA, Ana Flavia Silva de; HORTA, Danilo Augusto da Silva. **A China e a Hierarquia do Sistema Monetário Internacional: Internacionalização do Renminbi e a Hegemonia dos EUA.** BJIR, Marília, vol. 14, 2025. Disponível em: https://drive.google.com/open?id=1KLgGOLqyjqkGDptwOrk_zlEub0Arrteh. Acesso em: 2 de out.

PCdoB. **Em documento histórico, Rússia e China anunciam aliança ilimitada.** [S. l.], 7 fev. 2022. Disponível em: https://pcdob.org.br/noticias/em-documento-historico-russia-e-china-anunciam-alianca-ilimitada/. Acesso em: 19 ago. 2025

PINTO, Paulo Antônio Pereira. China: Década de 1980, abertura para um universo de influência cultural do "Império do Centro". **Meridiano 47**, v. 11, n. 121, p. 21-28, set.-out. 2010.

PUCPR PÓS DIGITAL. **Economia da China**. In: *Blog PUCPR Pós Digital*. Curitiba, 2024. Disponível em: https://posdigital.pucpr.br/blog/economia-da-china. Acesso em: 23 out. 2025

SANTOS, Mário Leiria dos. Relações Sino-Russas: A Contextualização Histórica e Estratégica de um Eixo de Conveniência. **Portuguese Journal of Asian Studies | Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos**, n. 33, p. 93-114, 2.º sem. 2024. DOI: 10.57857/lisboa.iscsp.1645-4677.33.2024.000006/pp.93-1.

THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. **OEC**. [S. l.], 2024. Disponível em: https://oec.world/en. Acesso em: 6 set. 2025.

WORLD BANK. **GDP (current US$) – Brasil, China, Rússia, Índia e África do Sul.** Washington, D.C.: World Bank, 2025. Disponível em: https://databank.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD/1ff4a498/Popular-Indicators#advancedDownloadOptions. Acesso em: 24 ago. 2025.